

Article

O Elogio da Sedentarização na Viagem Contemporânea: Literatura, Pintura e Ecrã

Maria João Castro ¹ * 

¹ PhD in Contemporary Art History and is a researcher and member of CHAM (Centre for the Humanities); ORCID: 0000-0003-1443-7273; E-mail: mariajoacastro@fcs.unl.pt

*Correspondence: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH Universidade NOVA de Lisboa, 1069-061 Lisboa, Portugal.

ABSTRACT

If it is true that the age we find ourselves in is “the” age of travelling then it is no less accurate to say that tourists and travellers increasingly travel shut off from the world in front of their screens at home, travelling via them. In fact, the new technologies merely enable us to “travel” within ourselves in another way, not jeopardising the essence of travelling but rather allowing us a different way of experiencing the world. Thanks to our networked world and technological modernity, it is possible today to see and to “be in” any place on our earthly planet; in other words, it has become virtually impossible to set off on a journey to any unknown, uncatalogued spot. So why not abdicate from the material experience and, instead, enjoy the comforts of armchair travelling through the accounts of others, spending no money and suffering no woes? Why not borrow the odyssey of those who travel and make it our own, personalising it? But even then, could anyone claim the journey did not happen? This article aims to delve into travelling’s other side, taking the dynamic of the individual who chooses sedentarism to travel in “another” way. The armchair traveller from the time of Pliny the Elder (first century) evolved until he reached the contemporary era in a cross-border dynamic that is defined from a parallel world, but one that is no less rich.

Keywords: travel; literature, painting, screen, tourism.

RESUMO

Se é verdade que a época em que nos encontramos é “a” época das viagens, não é menos exato que os turistas/viajantes se deslocam cada vez mais fechados frente ao ecrã do lar, viajando através dele. De facto, as novas tecnologias apenas permitem que nos “desloquemos” de outro modo ao interior de nós mesmos, não prejudicando a essência da viagem mas sim possibilitando uma outra forma de experienciar o mundo. Graças ao mundo em rede e à modernidade tecnológica, é hoje possível ver e “estar” em qualquer espaço do globo terrestre, ou seja, tornou-se quase impossível iniciar uma viagem até um ponto desconhecido e não catalogado. Então porque não abdicar da experiência material e, em vez disso, desfrutar da comodidade de viajar no sofá através do relato de outros, sem despende de dinheiro e padecimentos? Porque não tomar de empréstimo a odisséia dos que se deslocam e fazê-la nossa, personalizando-a? Mas ainda assim, alguém poderá dizer que a viagem não acontece? Este artigo pretende mergulhar no outro lado do espelho da viagem, na dinâmica de quem escolhe o elogio da sedentarização para viajar de uma “outra” forma. O viajante de “poltrona” dos tempos de Plínio, o Velho (século I) evoluiu até chegar à época contemporânea numa dinâmica transfronteiriça que se define a partir de um mundo paralelo mas não menos rico.



Submissão: 28/04/2021



Aceite: 21/05/2021



Publicação: 30/12/2021



Palavras-chave: viagem; literatura, pintura, ecrã, turismo.

Há qualquer coisa no ficar em casa,
no ficar no interior ou no andar em círculos
que consegue estimular a mente
à maneira da viagem convencional.

Paul Theroux

No último século, o progresso, a velocidade e a globalização permitiram encolher distâncias e massificar a viagem. Num mundo em que parte da sociedade concretiza o imperativo da viagem muitos optam por viajar no sofá. Esta escolha permite ao sujeito deslocar-se no sentido figurado, a partir de um livro, de uma pintura, do ecrã do computador, da televisão, do vídeo, do *tablet* ou do telemóvel. Estes militantes do conforto do lar em detrimento dos percalços, esforços, imprevistos, dispêndio de energia e de dinheiro inerente à viagem efetiva defendem o sedentarismo como forma de verdadeiramente de apreender o mundo, reconhecendo que, desiludidos e/ou extenuados com uma mobilidade factícia, a deslocação se mostra como uma perda de tempo face à alternativa de descobrir o mundo a partir de casa. Na imobilidade do lar o “viajante no quarto”¹ disfruta das possibilidades do mundo contemporâneo, nomeadamente, do mundo em rede, da internet e da TV por cabo que vieram reconfigurar a maneira como se utiliza o espaço e o tempo. É isso a que se afigure François Bom, ao afirmar não voltar as costas ao mundo, mas apenas acolhê-lo no ecrã. Segundo Bom, “os nossos espaços imaginários tornam-se acessíveis a partir de casa e só sente um desejo: ficar aqui, com os meus livros e o meu ecrã”.²

1. Literatura

Distintos escritores de viagem, presos às secretárias, fizeram da sedentarização e da ficção uma virtude. Blaise Pascal (1623-1662), nos seus *Pensées*, começou por afirmar: “Toda a infelicidade dos homens provém de uma só coisa; de não saber ficar quieto num quarto” (Pascal 1977) Num elogio análogo, Samuel Johnson (1709-1784), que não gostava de viajar, escolheu a leitura como meio de atingir o conhecimento do mundo, um mundo melhor do que a maioria dos seus contemporâneos viajantes. Ainda assim, animou-se depois dos sessenta anos em viajar da sua Inglaterra até às ilhas orientais da Escócia. Mas o seu testemunho só vem reforçar a ideia que presidira à sua existência pré-viagem, como se lê no seu *Journey to the western islands of Scotland*: “É fácil estar em casa (...) pois as jornadas são esforços inúteis que não impregnam nem alargam o entendimento (...) apenas no torna possuidores de certezas”.

Porém, o primeiro escritor a tornar a viagem doméstica numa narrativa de grande repercussão tenha sido Xavier de Maistre (1763-1852), com a obra *Viagem à Volta do Meu Quarto*, publicada em 1794. Nele o autor apresenta-se como um recluso que deseja escapar ao tumulto de uma Europa em mudança, propósito aliás que reitera num segundo ensaio intitulado *Expedição noturna à volta do meu quarto*, de 1825. No seu texto, o autor defende o direito à viagem imaginária dentro do quarto, dirigindo-se a todos os que dispõem apenas desse horizonte, especialmente os “entediados do universo”. Vestido com o seu “traje de viagem” – o roupão – passa em revista as estampas e os quadros do aposento, evocando a vista da janela que lhe proporciona a perceção do exterior. O que na realidade aconteceu é que Maistre foi posto em prisão domiciliária tendo aproveitado para escrever a obra em questão, até porque, como militar de carreira, viajou pela França, Itália e Rússia pelo que era o oposto de um sedentário caseiro.

O escritor Henry David Thoreau (1817-1862) saiu dos Estados Unidos mas uma única vez, e para se deslocar logo ali na fronteira com o Canadá. Contudo, era um excelente caminhante e filosofou constantemente acerca da viagem, versado que era em livros de viagem do seu tempo. Nas suas três viagens ao Maine, entre 1846 e 1857, Thoreau argumentou que a experimentara mais intensamente a selva do Maine do que Herman Melville (1819-1891) as remotas Marquesas. A razão basilar desta convicção reside no facto de Thoreau se ter

¹ Analogia ao livro de Xavier de Maistre *Viagem à Volta do Meu Quarto*.

² *Libération*, 9.9.2001, citado por citado por Michelle Perrot in *História dos Quartos*, Teodolito, Lisboa, 2012, p. 109.



fascinado pelos nativos norte-americanos sendo que esta viagem constituiu a melhor oportunidade para os estudar. Apaixonado pelo seu país, considerou-se um viajante nos Estados Unidos, vangloriando-se de ficar “a viver em casa como um viajante” (Theroux 2012), apenas se deslocando em pensamentos, tal como escrevera em *Walden*: “A condição do viajante é apenas uma condição estéril e desconfortável” (Theroux 2012). Mesmo quando amigos próximos o incitaram, Thoreau não cedeu: foi o caso do seu mentor literário Ralph Waldo Emerson (1803-1882) que deambulou pela Europa em 1833, tendo mais tarde escrito sobre as suas viagens no livro *English Traits* (1856), ou de outros contemporâneos seus como Washington Irving (1783-1859) que viaja até Espanha e Nathaniel Hawthorne (1804-1864) disfruta da velha Inglaterra.

Quanto a Emily Dickinson (1830-1886), a escritora viajou uma única vez (até Boston em 1865) mas depois disso nunca mais saiu de casa. Tal como muitos outros conterrâneos seus, Dickinson fez da vivência doméstica uma virtude, exaltada em poemas que denegriam a viagem, numa apologia ao confinamento familiar, tal como expressa na frase: “A casa é mais luminosa do que o mundo que está perto” (Theroux 2012).

Outros autores houve que permanecendo no recato do lar, descreveram lugares onde nunca foram. Foi o caso de Edgar Allan Poe (1809-1849) que, em obras como *The Descent into the Maelström* ou em *Murders in the Rue Morgue* fez descrições tão credíveis que não sobra espaço para a dúvida de que nunca houvera pisado tais lugares. Mas a verdade é que nunca pisou. Porém, conseguiu criar paisagens verosímeis, maioritariamente assentes a partir da leitura de um conjunto de obras considerável.

Ao grupo dos escritores apologistas dos prazeres de permanecer no lar, interessa acrescentar o núcleo de escritores de jornadas imaginadas, muitos deles viajantes compulsivos. Veja-se o caso de Samuel Butler (1835-1902), Henri Michaux (1899-1984), Jan Morris (1926-1920) ou Italo Calvino (1923-1985): Butler navegou à vela da Grã-Bretanha para a Nova Zelândia numa viagem de ida e volta que inspiraria *Erewhon* e *Over The Range*; Michaux viajou pela América do Sul e Ásia o que o motivou a escrever *Voyage en Grande Garabagne* e antes, *Ailleurs*, onde relata três países imaginários; Jan Morris correu o globo para inventar um país em *Last Letters from Hav*; Italo Calvino percorreu Cuba, Itália, Paris, E.U.A. mas o que escreveu em *Cidades Invisíveis* foram cidades sentimentais inexistentes mas com tal mestria, que nos parecem absolutamente familiares. Há ainda os casos de Miguel de Unamuno (1864-1936) em *Mecanópolis*, uma distopia do autor ou de Evelyn Waugh (1903-1966) em *Reviver o Passado* em *Brideshead* onde a autora mostra quão longe pode ir a imaginação do escritor na construção de lugares que nunca existiram. Claro que as viagens ficcionais destes autores foram claramente baseadas nas suas próprias jornadas no terreno mas o que sobressai nas suas obras é a sua capacidade de inventar lugares que sejam totalmente credíveis e isso é extraordinário.

Inventar o exótico puxa pela imaginação mas também pode ser consequência de aproveitamento de relatos de outrem: George Psalmanazar (1679-1763), francês que alegou ser o primeiro nativo de Formosa a visitar a Europa, recorreu a relatos de holandeses para fantasiar a cultura formosina. E o livro que publicou em Londres em 1704, um sucesso e apresenta uma verosimilhança convincente nos assuntos que aborda como superstições, doenças, armas, alimentação. Embora nem toda a gente tenha sido levada na farsa de Psalmanazar, o certo é que o seu livro de viagens continuou a ser bastante popular.

Ainda no que concerne à ficção, acresce referir os exemplos de Daniel De Foe (1660-1731) com *Robinson Crusoe* e Jonathan Swift (1667-1745) em *As Viagens de Gulliver*, referências óbvias deste universo ficcionado. A epifania de Edgar Rice Burroughs (1875-1950), autor de *Tarzan*, “escrevo melhor sobre locais que nunca vi”, explica e condensa toda uma linha de pensamento, ajudando a compreender a criação literária destes escritores de imaginação prolífera.

Interessa também referir um conjunto de autores cuja convicção pessoal os faz não querer correr o risco de serem desapontados pela viagem real preferindo cultivar um ideal desse(s) destino(s). É o caso Franz Kafka (1883-1924) e do romance *América*, também conhecido por *The Man Who Disappeared*, escrito sem nunca ter ido além da França: na verdade, a sua *América* baseou-se em múltiplas leituras, desculpando-se com o facto de sofrer de “ansiedade de viagem” – *Reiseangst*.

Outro escritor, Arthur Waley (1889-1966) Waley nunca foi à Ásia e, no entanto, publicou mais de vinte volumes de traduções de clássicos chineses e japoneses. A relevância da enunciação deste autor prende-se com a explicação do porquê de não querer visitar a China moderna: esta teria desencantado Waley, uma vez que o autor era mais feliz na sua China da dinastia Tang. Isso significa que Waley não desejava misturar o ideal com o real.



Outros escritores inventaram o exótico com mais ou menos rigor consonante a inspiração e/ou a imaginação. Mary Kingsley (1862-1900) em *Travels in West Africa* mostra a sua ignorância, falta de pesquisa e de informação quando relata uma visita a África na qual não repara em nada, mesmo nos locais que dizia conhecer bem. Saul Bellow (1915-2005) em *Henderson The Rain King* relata uma expedição imaginativa e efabulada numa África que nunca viu, e V. S. Pritchett (1900-1997) em *Dead Man Leading* descreve um romance sobre o Brasil, anos antes de ter ido lá. Persuasiva, a narrativa de Pritchett apoia-se numa imagística familiar, tendo sido – segundo o autor – inspirado pela expedição do arqueólogo e explorador britânico Percy Fawcett (1867-1925) de 1925 que desapareceu quando procurava uma cidade perdida no estado do Mato Grosso. Mais tarde, Pritchett visitou o Brasil e considerou que o seu escrito coincidia com a realidade (ainda que tivesse erros).

O próprio Hergé (Georges Prosper Remi, 1907-1983) colocou o *Tintim* pelo mundo mas manteve-se longe das viagens. Tintim foi a qualquer lado do mundo onde se passasse alguma coisa e Hergé contentou-se em ser um viajante “de pantufas” embora muito bem documentado. Nos seus arquivos soçobram infinitos recortes que permitiram ao belga enriquecer as suas histórias com pormenores fidedignos, fruto de incansáveis pesquisas. O mundo “tintinesco” resulta, em grande medida, da importância dada aos detalhes, imprimindo a cada vinheta uma realidade espantosa. Curiosamente, depois de terminar as aventuras do seu repórter desenhado, Hergé partiu à descoberta do mundo.

Mas talvez a personagem com maior antipatia pela viagem tenha sido a personagem Jean Floressas des Esseintes em *Against Nature*, de Joris-Karl Huysmans (1848-1907) quando afirmou que afinal para que servia deslocarmo-nos se se podia viajar de modo magnífico sentado numa cadeira?

Claro que há toda uma genealogia de autores que experienciaram a viagem e contaram sobre ela. Joseph Conrad (1857-1924) conduziu um vapor fluvial pelo rio Congo acima e escreveu o *Coração das Trevas*; Ernest Hemingway (1899-1961) viveu na década de 1920 na Cidade-Luz e escreveu *Paris é uma Festa*; Colin Thubron (1939) vagueou pela Rússia e escreveu *Na Sibéria*; Bruce Chatwin (1940-1989) demorou-se seis meses na América do Sul e deu ao prelo *Na Patagónia*; Paul Theroux (1941) percorreu o mundo publicando variadíssimas obras de que são exemplo *O Velho Expresso da Patagónia*, *Comboio Fantasma para o Oriente*, *Viagem por África* ou *O Grande Bazar Ferroviário*. Estes exemplos de aclamados escritores, de entre um leque de que continua a proliferar em pleno século XXI, faz as delícias de quem escolhe ficar em casa, transportando os leitores caseiros para as aventuras do mundo ao vivo.

2. Pintura

Uma outra forma de viajar é a partir da representação pictórica, uma das formas mais criativas de viajar. E há exemplos maiores deste registo artístico. Só para enunciar a época contemporânea, temos Eugène Delacroix (1798-1863), Paul Gauguin (1848-1903) e Henri Matisse (1869-1954). Através de telas orientalizantes de Eugène Delacroix do norte de África, os franceses descobriram os territórios coloniais desenvolvendo toda uma imagética de Marrocos e da Argélia. Foi a primeira vez que o ocidente “viu” o oriente; sob a égide dos quadros deste pintor expostos nos *salons* da metrópole do império – Paris – os europeus concretizaram a paisagem descrita nos relatos de viagem, apreendendo a luz e a cor de um mundo tão diáfano quanto onírico. Estas pinturas tornaram “visíveis” os lugares remotos, e deram a conhecer as especificidades dos territórios coloniais tendo sido largamente mostradas nas exposições universais e mundiais concretizadas entre Londres e Paris a partir da segunda metade do século XIX.

Quanto, a Gauguin, o francês viveu Perú, Panamá, Martinica, Paris, Bretanha e a Polinésia Francesa numa peregrinação entre o mundo ocidental e o “primitivo” das colónias francesas longínquas. Mais do que qualquer outro artista Gauguin viveu a existência que evocou na sua obra pelo que a sua modernidade reside no seu ecletismo, no facto de, largar tudo, repetindo de uma forma radical o que os pintores da *École de Barbizon*³ fizeram. Ninguém antes de Gauguin tinha ido tão longe na aplicação prática da doutrina do Primitivismo

³ A chamada Escola de Barbizon, movimento artístico entre os anos de 1830 e 1870, integrado por 1 conjunto de pintores franceses que se estabeleceram próximo ao povoado de Barbizon, nas cercanias do bosque de Fontainebleau. Deixando Paris, numa atitude de aberta oposição ao sistema vigente e influenciados pelas cenas rurais de pintor John Constable, Corot, Millet e Rousseau reagiram ao formalismo e academismo e procuraram a sua inspiração diretamente na



e a sua peregrinação para o Pacífico Sul teve mais do que um significado puramente pessoal: simboliza o fim de quatrocentos anos de expansão colonial que subjugara toda a terra ao poder do Ocidente. Ao preferir autoexilar-se numa colónia francesa, o pintor revela que troca a hegemonia da metrópole imperial por uma vida fora dos cânones da sociedade desenvolvida, elegendo a vida “primitiva” na colónia da Oceânia, e é aí, precisamente, que reside toda a modernidade da sua obra e a influência que esta exerceu nos artistas seguintes. Isso mostrava a necessidade de um afastamento do progresso, resultante da Revolução Industrial, na procura de um lugar e de uma cultura ainda não corrompidos pelo Homem europeu, burguês e urbano. Esse desânimo, essa espécie de rumo ao pitoresco, um antídoto à sociedade caracterizada pela exaltação dos valores materiais, terá incitado artistas a partir, como é o caso de Gauguin. Por isso ele conseguiu, mais do que qualquer outro artista, viver a existência que evocou na sua obra dando a conhecer um exótico longínquo poucas vezes experienciado pelo cidadão comum.

Já Matisse preferiu viajar por Londres, Marrocos, Argélia, Itália, Alemanha, Rússia e EUA não deixando de ir no encalce de Gauguin e deambular pelo Taiti, pintando-o em telas que traduziram simultaneamente o território e o seu estado de espírito ao contemplar essa geografia. Desprezando o poder ilustrativo da obra, o artista interessa-se pelo uso metafórico da cor, na busca pela síntese, pela simplicidade, pelo traço perfeito e o uso de cores, texturas e padrões para descrever o espaço que visita. Talvez o maior contributo destes três artistas (e muitos outros não enunciados aqui) tenha sido o de revelar geografias só acessíveis a uma elite com tempo e dinheiro para viajar, permitindo assim a um público mais abrangente – cidadãos e habitantes das capitais de império – aceder à visualização de parte dos territórios ultramarinos.

Hoje, literatura e pintura condensam-se em obras que nos devolvem o melhor dos dois mundos. Só para citar um exemplo veja-se a exposição de *Peintures des Lointains* ocorrida no Musée du quai Branly em 2019 e onde se exibiu um conjunto de telas de pintores reconhecidos que se debruçam sobre povos, sociedades e territórios mais ou menos longínquos à sociedade ocidental, desde finais do século XVIII até meados do século XX. Através desta exibição – e de outras similares – dá-se a conhecer o encontro com o Outro, a partir da evolução do olhar artístico face ao desconhecido que se questiona. Numa Europa em plena expansão colonial, a arte cede primeiro à tentação do exotismo – onde a exaltação da cor e da luz atende aos sonhos de um Oriente de luxo e prazer – para depois se dar à experimentação de vivências mais individuais. Nesse contexto, o pintor viajante representa o mundo a uma escala que flutua entre o onírico e o naturalismo, a fantasia e a representação fidedigna, o romantismo e a propaganda colonial, em paisagens paradas num certo tempo-pedra. Daí “o pintor viajante ter influenciado fortemente a pintura neoclássica e romântica uma vez que, ao alargar as paisagens produzidas nos novos destinos, não só aumentou o interesse por uma geografia ignorada para a maioria dos públicos, mas principalmente revigorou a própria produção artística e plástica” (Castro 2012).

3.Ecrã

É tempo de passar para o outro lado do espelho. Graças às tecnologias digitais, nomeadamente ao Google Earth, hoje em dia é possível ver e “estar” em qualquer espaço do globo terrestre, ou seja, tornou-se quase impossível iniciar uma viagem até um ponto desconhecido e não catalogado. Por outro lado, a verdadeira viagem é entravada por atrasos, percalços, períodos de espera enfadonhos durante os quais nada acontece, por padecimentos que atacam o corpo e o debilitam, por injúrias à alma que a fragilizam e entristecem. Então porque não abdicar da experiência material e, em vez disso, desfrutar da comodidade de viajar no sofá através do relato de outros, sem despender de dinheiro e padecimentos? Porque não tomar de empréstimo a odisséia dos que se deslocam e fazê-la nossa, personalizando-a?

Com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação surgiu o e-turismo (internet) e o turismo virtual. A disseminação destes suportes a um nível global fez com que o virtual substituísse o presencial, nomeadamente no que concerne à acumulação de lugares. “Só a fraqueza da imaginação justifica que se tenha que deslocar para sentir”, escrevera já Álvaro de Campos no

Natureza. Renunciam aos tipos pitorescos da vida campestre e lançaram-se a analisar a natureza de modo quase escrupuloso, observação essa que produzia efeitos sentimentais na alma do pintor, adquirindo suas paisagens uma qualidade dramática perceptível. A sua especialização quase exclusiva em paisagens e o estudo direto do natural viriam a influenciar o resto da pintura francesa do séc. XIX, em especial a do Impressionismo.



século XX; hoje, em pleno século XXI, não faltam exemplos das ilimitações da imaginação no que respeita a viajar. É o caso de Jacqui Kenny que, agorafóbica⁴ há mais de vinte anos, não consegue viajar no terreno pelo que decidiu criar um projeto onde experienciava determinados destinos a partir do Google Street Views.⁵ *Kenny transformou a fobia de espaços abertos em arte de viagem*. Como? Através da captura de ecrã, a artista seleciona as imagens do mundo que lhe dizem algo partilhando-as depois nas suas redes sociais. É a viagem personalizada por um olhar que acontece a partir do suporte de uma ferramenta digital.

Aliás, se olharmos para a televisão por cabo, é todo um universo de programação dedicado ao tema, desde séries, filmes, documentários, concursos, numa infinidade de formatos e conteúdos que permite a cada um deslocar-se virtualmente a praticamente qualquer lugar no planeta visualizando geografias, atmosferas, hábitos, modos de vida e histórias à distancia de um clique.

No quotidiano atual global há quem vaticine que se aniquilou toda a especificidade do propósito de viajar, que mataram a viagem de descoberta substituindo-a por uma normalizada e asséptica. É curioso que, já no século XIX, um grande viajante, Pierre Loti (1850-1923) escrevera: “Virá o tempo em que será um tédio viver na Terra quando a tiverem tornado igual de uma ponta à outra, quando nem sequer pudermos tentar viajar para nos distrairmos um pouco” (Loti 2014). Num presente hiperligado a afirmação parece manter toda a sua atualidade.

Seja como for, toda esta viagem no sofá nunca foi tão consistente e praticada quanto em 2020-21. A razão? A pandemia da Covid 19 que fechou o mundo à viagem, encerrou aeroportos e selou destinos inibindo o viajante comum a deslocar-se entre lugares. Este fenómeno – impensável até numa ficção – traduziu-se numa paragem da viagem turística (e não só) que veio reequacionar determinados aspetos inerentes à deslocação massificada de parte da população mundial. Certo é que nem a imaginação mais criativa colocaria em hipótese que o turismo um dia poderia ser interrompido a uma escala planetária. Mas foi. A pandemia de 2020-21 fechou fronteiras e suspendeu a viagem naquela que é a maior indústria do mundo fazendo com que repensassem a atividade numa altura de eventual mudança de paradigma. Concretamente, este inesperável travão na viagem veio colocar em evidência a dependência das economias mundiais da maior indústria do mundo – o Turismo. Os indicadores económicos previam a continuação do seu aumento e que atingira no ano anterior (2019) 10% do PIB mundial sendo responsável por mais de 8% de emissões globais de gases com efeito de estufa (C02). Na União Europeia a cifra rondou os 11% do PIB e, em Portugal 16,5%. Tudo apontava para a continuação do aumento exponencial da viagem turística e um dos assuntos cimeiros a dominar as atenções do mundo era o crescimento em flecha do turismo nas cidades, que atingia níveis de massificação excessivos trazendo efeitos perversos para os próprios habitantes ameaçando o seu afastamento. Urgia repensar estratégias, políticas, contextos e pretextos. E foi então que ocorreu a pandemia. A Covid-19 virou o turismo do avesso: as viagens foram proibidas, os aeroportos esvaziaram-se e as cidades que mais viviam de turismo foram as primeiras a sofrer uma crise sem paralelo, vendo as ruas desertas e a economia suspensa com a falta de visitantes. Mas há sempre dois lados da moeda e esse tempo único de desaceleração de economias e fecho de fronteiras criou as condições necessárias para se pensar, reformular e perspetivar a maior atividade económica mundial, adequando a nova realidade disruptiva ao fenómeno da viagem global. Claro que há diferentes latitudes de respostas e cada uma dela tem que ser vista de modo integrador pois de outra forma corre o risco de ser redutora e fragmentária. Há prós e contras no turismo atual: viajar para cumprir um destino ou viajar para apreender o caminho até ao destino? “Slowtravel” e turismo consciente ou “Overtourism” e padronização de locais e práticas com submissão das culturas autóctones tornando-se objetos de consumo rápido? Na verdade, muitos dos destinos turísticos vão perdendo as suas características intrínsecas homogeneizando-se à vivência (*standard*) da cultura visitante numa folclorização cultural que transforma os lugares em parques de diversão/zoo humanos recriando modos de vida tradicional por iniciativa de interesses externos às mesmas. É o mercantilismo da cultura e tradições autóctones onde os lucros vão para as grandes cadeias internacionais sem distribuição pelas populações locais num desequilíbrio ambiental e degradação dos ecossistemas e de deterioração do património. E este argumento é basilar para os defensores de um turismo de sofá.

Este tempo de pausa parece ser o tempo certo para perceber as opções em jogo no sentido de corrigir erros, ponderar estratégias e dinamizar sinergias que permitam redefinir as mobilidades turísticas priorizando e antecipando tendências da cultura viática. Com o

⁴ Um tipo de transtorno de ansiedade em lugares desconhecidos.

⁵ Available from: <https://www.mentalhealth.org.uk/stories/jacqui-story-agraphobic-traveller>



turismo mundial a sofrer uma queda de 70% em 2020 (dados da Organização Mundial do Turismo) não se prevê uma recuperação do setor antes do fim de 2021 e os especialistas acreditam que o turismo mundial não vá se reerguer antes de 2022. E tudo isto faz com que o mundo se torne, ele todo, viajante de sofá, pelo menos por uns tempos e ainda que de modo compulsivo. Fechados em casa, cada um de nós viaja principalmente no ecrã fazendo desejos da viagem real ou deliciando-se com as virtudes da viagem virtual.

Há por fim a referir um fator de não somenos importância: a saturação da massificação da viagem por parte de uma parte da população e que se traduz na preferência pelo recolhimento como único meio de combater a velocidade vertiginosa do mundo exterior que tem em conta a valorização do indivíduo hiperativo e proactivo realizando múltiplas tarefas que frequentemente levam a sofrimentos psíquicos como síndrome de *burnout*, hiperatividade e depressão, consequências diretas de um mundo contemporâneo. Por isso aumentam um pouco por todo o lado, os centros de meditação e retiro respondendo aos anseios de uma parte da sociedade atual. É a viagem enquanto conhecimento do “eu”, despojada de qualquer artefacto externo e que confronta o indivíduo com o seu mundo interior, provavelmente a viagem mais difícil de todas, como tão bem Claude Lévi-Strauss (1908-2009) expressou na abertura de *Tristes Tigres*: “Detesto viajar apesar de achar que talvez a viagem seja uma exploração dos desertos da minha mente em vez dos que rodeiam”.

Há ainda o fator político: muitos recusam viajar por não compactuar, alimentar ou perpetuar (com o seu dinheiro) regimes ou normas com as quais não concordam recusando-se a contribuir para o trabalho escravo (infantil), para apoiar guerrilhas e os regimes ditatoriais que se alimentam dos dividendos do seu turismo nacional e de que Myanmar e a China são dois exemplos cimeiros.

4. Janelas

Sabe-se que o viajante de poltrona vem dos tempos de Plínio, o Velho (século I), quando o romano sugeriu várias razões pelas quais a leitura em público constituía um exercício benéfico; sabe-se igualmente que através da contemplação de uma pintura se é transportado não só para o lugar representado na mistura das tintas mas igualmente que a tela nos permite aceder ao mundo do artista simultaneamente objetivo e subjetivo; sabe-se também que o ecrã dos tempos atuais permitir viver um destino de forma quase real. E sabe-se igualmente que qualquer um destes meios – literatura, pintura, ecrã – é uma janela que se abre ao mundo, a qualquer parte do mundo. Na casa, na proteção e no conforto do hábito, os múltiplos níveis de leitura de uma obra são uma das chaves essenciais para perpetuar um livro de viagem ou um filme no ecrã. O aumento exponencial da literatura de viagens e dos programas de viagem disponibilizados no ecrã constituem propostas que ganham cada vez mais adeptos, mostrando-se uma tendência em alta, um facilitador da viagem contemporânea para os defensores da viagem doméstica, corroborada por escritores, locutores, ambientalistas e cientistas que enunciam: Não viaje: fique em casa comodamente e nós vamos lá por si, mostrando-lhe o melhor e poupando-o ao pior.

Os meios técnicos, a literatura, a pintura, a gravura e, depois, a fotografia, o cinema e agora o computador, permitem visualizar o mundo e transformar a casa em lugar de usufruto da viagem. Viajantes no quarto, somos herdeiros de Jean Floressas des Esseintes (finais século XIX), Denis Diderot (1713-1784) e Jean-Jacques Rousseau (1712-1768), viajantes desiludidos e extenuados do Iluminismo e que consideravam a deslocação uma perda de energia em detrimento de uma mobilidade fictícia, comprovando a ideia de que “com a viagem objetiva arrisca-vos a perder a vossa identidade” (Murât 1753).

Por fim, Marc Augé faz-nos refletir sobre o “não-lugar” aquele que é diametralmente oposto ao lar, ou seja, ao espaço personalizado; na sua obra axial *Não-Lugares, Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*, o autor chama a atenção para o mundo de hoje que – no seu convite permanente à viagem – vive de deslocações impessoais e, por isso, profundamente solitárias, repetitivas e vazias. Com a turistificação incentivada pelo encurtamento das distâncias e a impermanência motivada pela aceleração do tempo, os lugares visitados esvaziaram-se de sentido, tornaram-se idênticos entre si e geram não-lugares, ou seja, lugares sem alma própria, sem identidade intrínseca e, por isso, profundamente iguais entre si. Vejam-se as grandes cadeias hoteleiras internacionais (Ibis, Sheraton, Ritz), as marcas de restauração comuns a qualquer latitude (McDonals, Pizza Hut), só para citar um par de exemplos. O mundo é hoje um palco com pouca margem para o diferente onde os produtos turísticos são nivelados de acordo com o conforto vaticinado pelo padrão de uma sociedade a ditar níveis e graus que matam a essência e as idiossincrasias originais de um lugar. Num tempo de proliferação de não-lugares, a invisibilidade do sujeito dentro da massa humana que se desloca, faz com que muitos optem por ficar em casa.

Em síntese, a configuração de um elevado grau de mobilidade contemporânea traçou um mundo paradoxal: se por um lado se viaja hoje para todo o lado e a todo o tempo, por outro, esta facilidade e acessibilidade de deslocação faz com que o planisfério se torne menos



diverso. O pós-modernismo encoraja a inércia, a viagem virtual (na literatura, na pintura, no filme), disponível para um público muitas vezes cansado de se deslocar a lugares que se assemelham entre si, plasmados em brochuras com paisagens exóticas demasiadamente reproduzidas. Numa derradeira justificação anti viagem afirma-se que todos os lugares se encontram já cartografados impossibilitando a viagem de descoberta, pelo que o argumento é o de que o realmente novo e autêntico já só é possível através da imaginação, criatividade e ficção. Todas estas razões fazem com que a posição atual de uma parte da população seja a de nómada, não de uma geografia do mundo, mas da imagem desse próprio mundo. Porque o planeta se encontra à distância de um simples gesto, de um clique, seja literário, pictórico ou filmico, o desafio em ficar em casa na imobilidade do lar apresenta-se pois como um mundo infundável de possibilidades da arte de viajar, um prazer que depende mais do estado de espírito com que a empreendemos do que do destino que lhe fixamos.

Referências

- Augé, M 2005. *Não-Lugares, Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*, Graus Editora, Lisboa.
- Bennett, C 1996. Why the right people choose to stay at home, *Guardian Weekly*, June 23, p. 30.
- Castro, MJ 2012. *O Pintor Viajante*, FCSH, Lisboa, p. 1. Available from: https://www.academia.edu/47767131/O_Pintor_Viajante_Fausto_Sampaio_e_Jorge_Barradas
- Castro, MJ 2013. *Elogia da Sedentarização I*, FCSH, Lisboa. Available from: <https://www.fcsh.unl.pt/artravel/pdf/Elogio.pdf>
- DAMÁSIO, A 2010. *O livro da consciência*. Temas e Debates, Lisboa.
- Murât, B 1753. *Lettre sur les voyages*.
- Loti, P 2004. *Un pèlerin d'Angkor*, Éditions Kailash, Paris, s.p.
- Sanson, I 1996. Traveller's Essential Futility, *Guardian Weekly*, June 16, p. 28.
- Maistre, X 2003. *Voyage autour de ma chambre*, GF Flammarion, Paris.
- Onfray, M 2009. *Teoria da Viagem, Uma Poética da Geografia*, Quetzal, Lisboa.
- Pascal, B 1977. *Pensées*, Éditions Gallimard, France, fragment 126, p. 118.
- Perrot, M 2012. *História dos Quartos*, Teodolito, Lisboa, p. 109.
- Roche, D 2003. *Humeurs vagabondes, De la circulation des hommes et de l'utilité des voyages*, Fayard, France.
- Theroux, P 2012. *A Arte da Viagem*, Quetzal, Lisboa, p. 217-221.